

## A FORMAÇÃO DO EDUCADOR NA *SUMA CONTRA OS GENTIOS*, DE TOMÁS DE AQUINO L: um estudo no campo da história da educação

Rafael Henrique Santin  
Terezinha Oliveira

### Resumo

O artigo apresenta um estudo, desenvolvido no campo da história da educação, sobre aspectos da formação do educador segundo Tomás de Aquino (1224/25-1274). A fonte desse estudo é parte da *Suma Contra os Gentios*, escrita pelo teólogo dominicano entre 1259 e 1264, a pedido de Raimundo de Penaforte (1175-1275). Esse texto, de natureza pedagógica e apologética, foi elaborado para a formação de frades dominicanos cujo ofício principal era a pregação nas cidades da Cristandade ocidental. Ao desenvolver os temas que julgava pertinentes à formação de seus confrades, argumentamos que Tomás de Aquino sistematiza uma filosofia da educação que apresenta lições importantes para os debates contemporâneos sobre educação e formação de educadores. Nossas reflexões são orientadas teoricamente e metodologicamente pela história social, especialmente pelo conceito de *longa duração*, por meio do qual podemos olhar para a experiência dos seres humanos de outrora, nos vestígios que nos legaram e, assim, aprender sobre nós mesmos e sobre o mundo em que vivemos. Em suma, o artigo analisa o trinômio história da educação, religião e cidades por meio da obra de Tomás de Aquino, a fim de fomentar o necessário e urgente debate sobre a formação daqueles que têm o dever de educar, sejam eles pais, professores, líderes religiosos, formadores de opinião e influenciadores de qualquer espécie.

**Palavras-chave:** história da educação; formação de educadores; idade média; tomás de aquino; suma contra os gentios.

## THE FORMATION OF THE EDUCATOR IN THE *SUMMA CONTRA GENTILES*, BY THOMAS AQUINAS: a study in the history of education

### Abstract

The article presents a study developed in the field of history of education on aspects of the educator's formation according to Thomas Aquinas (1224/25-1274). The source of this study is part of the *Contra Gentiles*, written by the Dominican theologian between 1259 and 1264, at the request of Raymond of Penaforte (1175-1275). This text, of a pedagogical and apologetic nature, was prepared for the formation of Dominican friars whose primary office was preaching in the cities of Western Christendom. By developing the themes that he considered pertinent to the formation of his confreres, we argue that Thomas Aquinas systematizes a philosophy of education that presents important lessons for contemporary debates on education and the training of educators. Our reflections are theoretically and methodologically guided by social history, especially by the concept of long duration, through which we can examine the experiences of human beings of yesteryear through the traces they have bequeathed to us, and thus learn about ourselves and the world in which we live. In short, the article analyzes the trinomial history of education, religion, and cities through the work of Thomas Aquinas to foster the necessary and urgent debate about the formation of those who have the duty to educate, whether they are parents, teachers, religious leaders, opinion makers, or influencers of any kind.

**Keywords:** history of education; training of educators; middle ages; thomas aquinas; summa contra gentiles.

---

## LA FORMACIÓN DEL EDUCADOR EN LA SUMMA CONTRA GENTILES, POR TOMÁS DE AQUINO: un estudio en el campo de la historia de la educación

### Resumen

El artículo presenta un estudio en el campo de la historia de la educación sobre aspectos de la formación del educador según Tomás de Aquino (1224/25-1274). La fuente de este estudio forma parte de la *Suma Contra los Gentiles*, escrita por el teólogo dominico entre 1259 y 1264, a petición de Raimundo de Penaforte (1175-1275). Este texto, de carácter pedagógico y apologético, fue preparado para la formación de frailes dominicos cuya función principal era predicar en las ciudades de la cristiandad occidental. Al desarrollar los temas que consideraba pertinentes para la formación de sus confrades, argumentamos que Tomás de Aquino sistematiza una filosofía de la educación que ofrece lecciones importantes para los debates contemporáneos sobre la educación y la formación de educadores. Nuestras reflexiones están guiadas teórica y metodológicamente por la historia social, especialmente por el concepto de larga duración, mediante el cual podemos contemplar la experiencia de los seres humanos de antaño a través de las huellas que nos han dejado y, así, aprender sobre nosotros mismos y sobre el mundo en el que vivimos. En resumen, el artículo analiza la trinomial historia de la educación, la religión y las ciudades a través del trabajo de Tomás de Aquino para fomentar el debate necesario y urgente sobre la formación de quienes tienen el deber de educar, ya sean padres, profesores, líderes religiosos, formadores de opinión e influenciadores de cualquier tipo.

**Palabras clave:** historia de la educación; formación de educadores; edad media; tomás de aquino; summa contra los gentiles.

### INTRODUÇÃO

Neste artigo, refletimos sobre a relação entre História da Educação, religião e cidades, com base nas reflexões da obra *Suma contra os Gentios*, de Tomás de Aquino (1224/25-1274), teólogo dominicano do século XIII. Esse pensador teve atuação destacada como religioso da Ordem dos Frades Pregadores e como mestre universitário, legando à posteridade um conjunto de escritos que se tornaram clássicos, em diversos campos do conhecimento, notadamente na filosofia e na teologia.

Os textos que analisamos estão inseridos na *Suma Contra os Gentios*, escrita entre 1259 e 1264. Ela foi elaborada a pedido de um confrade de Tomás de Aquino, Raimundo de Penaforte, que atuava na Península Ibérica, região recém-reconquistada pela Cristandade e que demandava intenso trabalho de pregação. Diante da demanda apresentada por Penaforte, Tomás de Aquino redigiu a *Suma Contra os Gentios* como uma obra de natureza didática, destinada à formação de frades dominicanos que atuavam e atuariam na pregação da fé cristã entre pessoas que não apenas professavam outra fé, mas também estavam preparadas para o debate filosófico e teológico com aqueles que pretendiam convertê-las. Por isso, além do claro objetivo pedagógico, o texto de Aquino apresenta caráter apologético (cf. Russell, 2015; Santin, 2018), abordando todos os temas e fundamentos da fé cristã para instruir devidamente os religiosos que eventualmente o utilizassem.

Esse trabalho de natureza instrucional, assumido por Tomás de Aquino na *Suma Contra os Gentios*, alinha-se aos princípios e valores das Ordens Mendicantes (cf. Fortes, 2011; Le Goff, 2008), entre as quais se destacam os Frades Menores e os Frades Pregadores, mais conhecidos atualmente como Ordem Franciscana e Ordem Dominicana, respectivamente. De acordo com Le Goff (2008), o mapa de expansão dos conventos mendicantes confunde-se com o das cidades medievais. Criadas entre os séculos XII e XIII, época de apogeu da Cristandade Medieval (Le Goff, 2005), as Ordens Mendicantes nasceram, cresceram e consolidaram-se ainda nessa época, em contraste com as

ordens religiosas tradicionais, particularmente as monásticas, cuja característica principal é retirar-se do convívio urbano. Enquanto essas ordens monásticas tradicionais distanciavam-se da sociedade que se estruturava, em grande parte da Europa Ocidental, nos séculos XII e XIII – uma sociedade, sobretudo, mais urbana e móvel do que a sociedade feudal da Alta Idade Média –, as Ordens Mendicantes se aproximavam dela pelas ideias, princípios e valores emergentes, mas principalmente por sua presença no seio das cidades, grandes e pequenas. Assim, parte importante do trabalho dentro dessas Ordens era justamente a de sua própria reprodução, isto é, era preciso formar velhos e novos quadros, redesenhar o perfil desse religioso que deveria atuar na sociedade em circunstâncias muito diversas daquelas em que atuavam e eram formados os antigos monges.

Diante disso, temos como objeto de análise a formação do frade dominicano para o trabalho de pregação nas cidades do século XIII. No campo da história da educação, pretendemos refletir sobre a forma como Tomás de Aquino compreendia o papel do frade pregador. Ao fazer isso, ao traçar o perfil desse religioso que deveria difundir a fé cristã, o teólogo dominicano desenvolve, do nosso ponto de vista, uma filosofia da educação que trata, dentre outras coisas, da formação do educador, visto que, sob a pena de Aquino, todo aquele que se coloca numa posição de conhecedor-em-ato diante de alguém que é conhecedor-em-potência pode ser chamado de *mestre* – o que inclui não somente professores, mas qualquer pessoa que ensina algo a alguém, como mães e pais, religiosos, formadores de opinião e influenciadores de qualquer natureza. Assim, trataremos de um conceito específico na *Suma Contra os Gentios*: a Providência, como um dos conteúdos-chave para a formação do educador, sob a perspectiva do mestre dominicano. Esperamos, com isso, colher importantes lições para refletirmos sobre a formação do educador no século XXI.

Para viabilizar essas reflexões, tomaremos a história social como guia teórico e metodológico. Recorreremos aos intérpretes dessa corrente historiográfica (Guizot, 1990; Febvre, 1985; Bloch, 2001; Braudel, 2014) para refletir sobre nossa fonte como vestígio da experiência de homens de outro presente, que podem nos ajudar a pensar nossa própria experiência, especialmente diante de questões complexas, como é o caso da formação de educadores. Além disso, a categoria de *longa duração* de Braudel (2014) serve de princípio na medida em que compõe o que ele chama de *duração social*, um conjunto complexo, múltiplo e contraditório de tempos da vida de seres humanos que forma a substância do passado e do presente. O tempo da experiência dos homens não é necessariamente o tempo cronológico, e o historiador precisa considerar as diferentes durações que se sobrepõem, articulando passado e presente em uma relação circular na qual se produz e se reproduz a aventura humana. Por isso, voltemo-nos ao que Tomás de Aquino pensa a respeito da formação de quadros responsáveis pela formação de pessoas, buscando ali fundamentos que nos auxiliem na compreensão de nossa jornada e de nossos problemas, indicando aspectos de continuidade e de ruptura entre passado e presente.

## **TOMÁS DE AQUINO E A SUMA CONTRA OS GENTIOS**

Tomás de Aquino nasceu em 1224 ou 1225 e morreu em 1274. Sua pessoa é relativamente conhecida do grande público, uma vez que ele sempre figura como uma das principais autoridades do cristianismo católico, mas seu trabalho intelectual é de conhecimento mais restrito aos círculos universitários. Por isso, decidimos traçar um breve perfil desse importante teólogo que hoje é fonte de nossos estudos.

Nascido em Roccasecca, Itália, Tomás de Aquino é o filho mais novo de Landulfo, conde de Aquino, e de Teodora, de família nobre e relativamente influente. Na condição de caçula de uma família da nobreza, Tomás estava destinado à carreira eclesiástica e, por isso, já na infância, foi

enviado ao Mosteiro beneditino de Monte Cassino para iniciar sua formação escolar e religiosa. A ideia da família era que ele se tornasse abade de Monte Cassino. Depois de Monte Cassino, Tomás foi estudar no recém-criado *Studium generale* de Nápoles e foi ali que, provavelmente, teve os primeiros contatos com as obras de Aristóteles (384 a.C.–322 a.C.) e de Averróis (1126–1198), bem como com a Ordem dos Pregadores. Por volta dos 20 anos de idade, Tomás de Aquino resolveu ingressar na Ordem Dominicana, contra a vontade de sua família, que tentou dissuadi-lo, sem sucesso. Já como noviço dos Pregadores, Tomás estudou nas melhores universidades da época, principalmente em Paris, e foi instruído por mestres notáveis, em particular, Alberto Magno (1193–1280), também ele pertencente à Ordem Dominicana. Como *Magister in Sacra Pagina*, o teólogo também atuou em universidades de diversas cidades da Cristandade medieval. Destacam-se suas passagens como mestre por Paris, em dois momentos distintos, e por Roma, onde foi incumbido de organizar os estudos da Ordem no *Studium generale* de Santa Sabina, instituição de ensino que existe até hoje, atualmente denominada Pontifícia Universidade de São Tomás de Aquino (cf. Gilson, 1995; Grabmann, 1944; Torrell, 2004).

Tomás de Aquino personifica duas noções caras ao nosso trabalho: as de *sabedoria* e *intelectual*. Logo no primeiro capítulo da *Suma Contra os Gentios*, o teólogo-filósofo discorre sobre o ofício do sábio, isto é, sobre o que compete especificamente a uma pessoa que se diz *sábio*. Ele parte das ideias de Aristóteles para afirmar que “[...] chamam-se, pois, *sábios* os que ordenam retamente as coisas e as governam bem” (Tomás de Aquino, 2015, p. 35)<sup>1</sup>. Nesse sentido, *sabedoria* significa ordenar e governar as coisas com vistas a um fim determinado, e ser *sábio* é uma condição que implica um conjunto de saberes, habilidades e potencialidades, aliado à capacidade de fazer escolhas éticas e políticas.

O segundo conceito que consideramos essencial para o desenvolvimento do nosso trabalho é o de *intelectual*, cujo sentido buscamos na obra de Jacques Le Goff (2010). Em *Os intelectuais na Idade Média*, Le Goff (2010) afirma que podemos compreender melhor o papel dos intelectuais em nosso tempo ao analisar a trajetória dos *homens de saber* ao longo da história. Assim, os intelectuais medievais, que emergiram no século XII do interior das cidades e se consolidaram como categoria profissional organizada nas universidades do século XIII, representam a gênese do intelectual moderno e contemporâneo (Oliveira; Mendes; Santin, 2016).

O historiador francês afirma que esses intelectuais medievais podem ser identificados nos séculos XII e XIII porque, nessa época, passaram a *ganbar a vida com as palavras*, investindo no ensino e na pesquisa como atividades profissionais. É dessa maneira que entendemos o trabalho de Tomás de Aquino, pois, de acordo com Torrell (2004) e Nascimento (2011), o teólogo dedicou a vida ao ensino e à pesquisa, inclusive em obras de cunho privado, como a correspondência com o príncipe de Chipre (2011) e com a duquesa de Brabante (2014)<sup>2</sup>. Nesse sentido, podemos verificar que as

---

1 Por se tratar de obra anterior ao século XVIII, as normas internacionais indicam que, nas referências, sejam indicados o autor, o título da obra, o livro, o capítulo e o §, em virtude de traduções e edições em diferentes períodos e línguas. Assim, nas citações do mestre dominicano seguiremos as normas da Revista no corpo do texto e faremos, em rodapé, as referências de acordo com as regras padronizadas internacionalmente. Para este trecho em particular, a referência é (Tomás de Aquino, SCG, I, cap. I).

2 Esses textos, tanto a carta sobre o governo dos príncipes ao rei de Chipre quanto a carta sobre o governo dos judeus à duquesa de Brabante, são obras de cunho político, mas têm um certo apelo pedagógico. Com efeito, em ambas, o autor se dirige às governantes com o objetivo de explicar-lhes o ato de governar. Portanto, acreditamos que essas epístolas demonstram maior proximidade entre Tomás de Aquino e figuras eminentes de sua época, comprovando também seu compromisso com a educação e, sobretudo, com o papel que ela desempenha na sociedade em que estava inserido. Isso é, do nosso ponto de vista, representativo do ‘intelectual’ da Idade Média analisado por Le Goff (2010),

obras de Tomás de Aquino refletem sua condição de intelectual, deixando transparecer não apenas seu caráter profissional, mas também a intenção de formar outros intelectuais comprometidos, como ele, com o estudo e a aprendizagem.

Nessa perspectiva, refletimos sobre a produção da *Suma Contra os Gentios* como obra de uma pessoa que almejava a posição de sábio e assumia a responsabilidade de ser intelectual. Essa *Suma*, como já indicamos, tinha a intenção de instruir frades dominicanos para a pregação, especialmente na Península Ibérica. Por esse motivo, a obra assume caráter pedagógico e apologético, a fim de oferecer aos quadros da Ordem Dominicana conteúdo filosófico e teológico para o debate com pessoas que professavam diferentes religiões e defendiam teses e teorias consideradas contrárias à fé cristã – à perspectiva de Tomás de Aquino. A *Suma Contra os Gentios* está repleta de referências a teses que, no entendimento do autor, deviam ser combatidas no campo das ideias, no debate franco e aberto – por exemplo, a tese da eternidade do mundo e a tese do intelecto único, ambas desenvolvidas por Averróis e defendidas por pensadores cristãos e não-cristãos ao longo de toda a Baixa Idade Média. Tudo isso marca a *Suma Contra os Gentios* também como obra de natureza política, uma vez que é apresentada como elemento de um processo histórico, político, social e cultural: a expansão da Cristandade para os territórios da Península Ibérica, reconquistados do domínio muçulmano.

A obra está organizada em quatro Livros: no primeiro, Tomás de Aquino apresenta provas da existência de Deus; no segundo, enfatiza as criaturas, dando especial atenção à alma do homem; no terceiro, aborda questões éticas; e no quarto, trata da revelação. Neste artigo, vamos analisar a discussão tomasiana da Providência, presente no terceiro Livro. Este Livro III é composto por 163 capítulos distribuídos em três partes. Após um primeiro capítulo introdutório, a primeira parte intitula-se *Deus, fim de todas as coisas, e é composta por 62 capítulos. A segunda parte, intitulada O governo de Deus, tem 47 capítulos. Por fim, a terceira parte contém 53 capítulos, intitulados Deus governa as naturezas inteligentes.*

Para os objetivos deste artigo, traremos ao debate alguns capítulos do Livro III, nos quais o autor reflete sobre o conceito de Providência. Defendemos que a discussão tomasiana sobre a Providência na *Suma Contra os Gentios* guarda relação com a formação do sujeito responsável por educar, seja quem for, independentemente do espaço que ocupa na sociedade – escola, família, mídia, instituições religiosas etc. Com efeito, o sentido primário da ideia de *providência* tem a ver com governar bem as coisas sob nossa responsabilidade, e governar bem, nesse contexto, significa guiar ou direcionar as ações segundo sua própria natureza, respeitando as formas de ser e estar no mundo dos sujeitos da nossa ação. Uma das grandes lições que podemos obter da História da Educação, na nossa perspectiva, é que educar é governar, isto é, dar direção a algo ou a alguém a partir de um projeto determinado. O debate sobre o conceito de Providência na obra de Tomás de Aquino tem por objetivo lançar luz sobre esse fato fundamental que tem marcado o fenômeno educativo ao longo da história.

## O DEBATE TOMASIANO ACERCA DA PROVIDÊNCIA E SUA RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO DO EDUCADOR

As reflexões de Tomás de Aquino sobre a Providência desenvolvem-se após uma longa análise dos conceitos de bem e de felicidade. Esse encadeamento não é aleatório: a Providência,

---

ou seja, um sujeito que passou a exercer, a partir do século XII e, notadamente, no século XIII, um papel sociopolítico substancial na composição da civilização do Ocidente medieval.

entendida como o conhecimento e o governo de Deus sobre as criaturas, está necessariamente vinculada às ideias de bem e de felicidade. De acordo com o teólogo, o governo de Deus sobre as criaturas seria perfeito e, por isso, convergiria sempre para o bem dessas criaturas e para seus fins característicos, resultando em um estado de felicidade genuína<sup>3</sup>.

Além disso, consideramos importante salientar o cenário em que o autor concebe essas teses, o da cidade entendida como *comunidade perfeita*. Nessa questão em particular, Tomás de Aquino segue Aristóteles, que defende a cidade como espaço de sociabilidade mais propício a assegurar o desenvolvimento humano e, portanto, a felicidade dos homens. A análise tomasiana sobre se a riqueza é fonte de felicidade, por exemplo, reflete o modo como a cidade, o comércio e o dinheiro passaram a ser tratados no contexto do renascimento urbano e comercial no Ocidente medieval (cf. Guizot, 2005; Thierry, 2005; Febvre, 2004; Le Goff, 2005; 2006; 2008; 2010; Verger, 2006; Oliveira, 2012). A riqueza e sua circulação, na concepção de Tomás de Aquino, não garantiriam a felicidade do ser humano, mas seriam indispensáveis para que ele alcance a felicidade, uma vez que pela riqueza pode-se dispor de bens e serviços necessários a ações que conduziriam o homem à contemplação possível de Deus por meio do intelecto – esta, sim, o fim último da existência humana, ato coincidente com o estado de felicidade plena, que exige um sem-número de recursos, materiais e espirituais, para ser realizado.

Nessa perspectiva, as reflexões tomasianas acerca da providência suscitam questões importantes para a humanidade, entre as quais destacamos o problema da liberdade e o da ação das criaturas – este último, inclusive, é analisado à luz dos posicionamentos de pensadores averroístas. Tomás de Aquino dedica dois capítulos inteiros a esses dois problemas, ressaltando que a providência divina não impede a liberdade inerente às criaturas inteligentes, nem inviabiliza a ação própria dessas criaturas. Com efeito, o governo de Deus sobre as criaturas é, sobretudo, justo, e um governo como esse tem por intenção primeira conduzir as coisas conforme sua natureza. A liberdade e a possibilidade de *ser causa* são duas das principais características dos seres inteligentes. Então, por que Deus, por meio de seu governo, as impediria de serem agentes livres?

Esse problema, em particular, merece, a nosso ver, uma análise mais detida. O ser humano, como ser inteligente, é dotado, na perspectiva tomasiana, de liberdade e de possibilidade de *ser causa*, isto é, de agir e, mediante sua ação, criar, recriar, construir e reconstruir a própria realidade e a de seus pares – são essas capacidades que, inclusive, formam e movem o que chamamos de *história*. O educador, como sujeito responsável pela formação das novas gerações, por conseguinte, para a sua integração na sociedade vigente, é, para usar uma linguagem familiar às obras tomasianas, *causa* do conhecimento do educando. Tomás de Aquino ensinou sobre isso durante sua primeira passagem como Mestre de Teologia na Universidade de Paris (1256-1259)<sup>4</sup>. O educador é causa do conhecimento e também do amadurecimento do educando na medida em que, por meio de ações de ensino, promove a passagem do conhecimento-em-potência do educando para o conhecimento-em-ato. Como defendem alguns teóricos contemporâneos, notadamente Vigotskii (2014) e seus colaboradores da psicologia histórico-cultural, o educador é mediador da relação do educando com a realidade que necessita apreender e aprender. Assumir a mediação do processo de aprendizagem e do crescimento de outras pessoas implica, de acordo com a ideia de *providência* apresentada por Tomás de Aquino, sobretudo, responsabilidade. Com efeito, a *providência* é concebida pelo teólogo dominicano como o grande modelo de governo a ser seguido pelos seres humanos. Assim como Deus governa as criaturas respeitando sua natureza, de acordo com a perspectiva tomasiana, nós,

3 Para saber mais sobre essa discussão, consultar Santin (2018).

4 Estamos nos referindo à Questão 11 das Questões Disputadas Sobre a Verdade.

educadores, temos a responsabilidade de educar nossos aprendizes respeitando a sua natureza que também são seres humanos e, portanto, livres e autônomos, capazes de agir, criar, recriar, construir e reconstruir a si e o mundo.

Dando continuidade à análise do conceito tomasiano de providência, consideraremos parte dos capítulos da segunda parte do Livro III da *Suma Contra os Gentios*. Acreditamos que, para a consecução dos nossos objetivos, seja conveniente considerar o que Tomás de Aquino desenvolve entre os capítulos 64 e 70, que tratam da caracterização da providência como conhecimento e governo de Deus sobre as criaturas. Assim, abordaremos, em nossas análises, o conceito-chave de nosso estudo, considerando o que Tomás de Aquino nos ensina a respeito da ação de educar entendida como um ato de providência – o que implica nos responsabilizarmos pela aprendizagem e pelo amadurecimento de nossos educandos<sup>5</sup>.

No início do recorte que selecionamos para estudar, logo no capítulo 64, o autor afirma que a providência divina pode ser entendida como o conhecimento de Deus sobre as coisas criadas. Além disso, percebemos uma relação importante entre providência e prudência, pois, se considerarmos o sentido do termo latino empregado pelo autor, *providentia*, verificaremos um paralelo com o de outra palavra latina utilizada pelo teólogo em suas obras, *prudencia*.

Com efeito, *providentia* significa, basicamente, providência, presciência e conhecimento do futuro, e *providus* – qualidade daquele que tem *providentia* – designa aquele que é providente, precatado, provido e prudente. A palavra *prudencia*, por seu turno, aparece nos sentidos de providência, previsão, sabedoria, inteligência, saber e conhecimento. Talvez a única diferença entre *providentia* e *prudencia* seja a de que a primeira lida com o futuro, enquanto a segunda tem o presente como objeto próprio, mas em comum ambas nomeiam um determinado ‘agir consciente’, uma ação calculada inteligentemente de acordo com certos princípios e valores:

Ora, reger e governar pela providência não é diferente de mover pelo intelecto as coisas para o fim. Deus, pois, governa e rege por sua providência todas as coisas que são movidas para um fim, quer sejam movidas corporalmente, quer espiritualmente, como aquele que deseja se diz que é movido pelo objeto desejado.

Igualmente. Foi provado que os corpos naturais são movidos e operados por causa do fim, embora não conheçam o fim, pelo fato de que sempre ou mais frequentemente acontece neles o que é melhor, o que não fariam se fizessem por arte. Ora, é impossível que as coisas que não conhecem o fim sejam operadas por causa de um fim e cheguem ordenadamente a ele, se não são movidas por alguém que tem o conhecimento do fim, assim como a flecha é dirigida para o alvo pelo flecheiro. Logo, é necessário que toda operação da natureza seja ordenada por algum conhecimento. É necessário atribuir isso a Deus ou mediata ou imediatamente, pois é necessário que toda arte e conhecimento inferior recebam os princípios de um superior, como também se manifesta nas ciências especulativas e operativas. Portanto, Deus governa o mundo por sua providência (Tomás de Aquino, 2015, p. 174, grifo nosso)<sup>6</sup>.

Observamos, nas passagens em destaque, que Tomás de Aquino considera que dirigir um determinado objeto para seu fim, por meio do intelecto, assim como utilizar a linguagem para

5 Aqui, vale lembrar o que nos ensina Hannah Arendt (2016): preocupar-se em educar bem as crianças e os jovens significa não só cuidado e responsabilidade para com esse ou aquele indivíduo em particular, mas também cuidado e responsabilidade com o mundo que será habitado e conduzido por esses indivíduos. Assim, se não estamos empenhados em nos responsabilizar pelo crescimento das pessoas e do mundo que habitamos, não deveríamos assumir a posição de educadores.

6 (Tomás de Aquino, SCG, III, cap. 64).

ensinar, é o mesmo que agir providentemente; isto é, a providência consiste em direcionar as coisas para o seu fim de maneira inteligente. Ressalta-se, ainda, que o teólogo considera a totalidade das coisas criadas, de modo que a providência divina age sobre toda a criação, não apenas dando-lhe uma direção, mas também mantendo-as na essência do ser (cf. Tomás de Aquino, 2015)<sup>7</sup>.

O problema da manutenção das coisas no ser<sup>8</sup> parece central para a compreensão do conceito tomásiano de providência, pois manifesta a exigência de provar a *necessidade* da existência de Deus, mesmo diante de perspectivas teóricas que poderiam pôr em dúvida a importância do criador para as criaturas. Desse modo, o autor argumenta, no capítulo 65, que Deus é responsável por conservar as coisas para confirmar sua existência, o que também ocorre por meio da providência divina. Portanto, as criaturas existem efetivamente por causa da providência divina, de modo que se a ação de Deus cessasse, findaria também a existência de todas as coisas.

A respeito da criação, Tomás de Aquino apresenta duas concepções que exigem explicações quanto à manutenção das coisas no ser. A primeira, com a qual ele concorda e que denomina *afirmação da fé*, consiste em defender que as coisas foram produzidas por Deus. A segunda, oriunda das reflexões de pensadores que ele chama de *alguns filósofos*, sustenta que as coisas são eternas e emanam de Deus desde sempre. Essa segunda concepção advém das obras dos mestres averroístas, cujas teses principais eram, justamente, a do intelecto separado e a da eternidade do mundo<sup>9</sup>.

A despeito das críticas do teólogo dominicano às teses averroístas, ele considera que tanto as *afirmações da fé* como as ideias de seus adversários concordam no que tange à manutenção das coisas no ser pela providência divina:

Ora, segundo ambas as afirmações, é necessário dizer que as coisas são conservadas no ser por Deus. Com efeito, se as coisas foram produzidas por Deus no ser depois que não eram, é necessário que o ser das coisas tenha resultado da vontade divina, e semelhantemente o não ser, porque permitiu que as coisas não fossem quando quis, e fez as coisas ser, quando quis. Portanto, elas são tanto tempo quanto quer que sejam. Logo, sua vontade é conservadora das coisas.

Se, porém, as coisas emanaram de Deus desde a eternidade, não se deu um tempo ou instante em que, de início, emanaram de Deus. Então, ou nunca foram produzidas por Deus, ou o ser delas procede sempre de Deus pelo tempo que são. Logo, por sua operação, conserva as coisas no ser (Tomás de Aquino, 2015, p. 179-180)<sup>10</sup>.

Nesse sentido, a conclusão averroísta sobre a eternidade do mundo pode até estar equivocada do ponto de vista de Tomás de Aquino, mas não invalida uma de suas premissas: a manutenção das coisas no ser por ação de Deus. Esse comportamento do teólogo dominicano, diante dos pensadores averroístas, reflete, do nosso ponto de vista, suas afirmações no início da *Suma Contra os Gentios* sobre o ofício do sábio, ao qual cabe buscar a verdade onde quer que ela esteja e não simplesmente repetir o que os outros disseram. Nesse sentido, Tomás de Aquino expressaria, efetivamente, o intelectual medieval que conserva e cria o saber, instituindo também um poder humano de criação.

7 (Tomás de Aquino, SCG, III, cap. 65).

8 Acreditamos ser importante destacar que o conceito de ser aqui corresponde à ideia aristotélica de substância. Então, quando Tomás de Aquino defende que Deus, por sua providência, conserva as coisas do ser, isso significa que Deus sustenta as substâncias dos indivíduos.

9 Essa concepção refutaria o retorno de Jesus, colocando em xeque a concepção cristã medieval. Logo, ela questiona a mentalidade explicativa do mundo ocidental do século XIII, motivo pelo qual Tomás de Aquino assume uma posição crítica a respeito dessa mentalidade.

10 (Tomás de Aquino, SCG, III, cap. 65).

Dos capítulos 64 a 70, perceberemos que o autor se empenha em apresentar três atributos de Deus que também caracterizam seu governo sobre as criaturas. Acreditamos ser possível estabelecer um paralelo entre a providência divina e três aspectos que fazem de Deus quem Ele é: a onisciência, a onipotência e a onipresença. Pela Sua providência, Deus conhece o passado, o presente e o futuro de todas as coisas, além de se constituir como causa da ação de todo agente e de estar presente, integralmente, em todas as coisas e lugares – esses dois últimos aspectos são abordados nos capítulos 67 e 68, os quais analisaremos em seguida; o primeiro, aparece no próprio conceito de providência que procuramos esclarecer acima, quando abordamos o capítulo 64 e o significado mesmo de *providentia*.

No capítulo 67, o autor afirma que Deus é a causa do *operar* de todos aqueles que *operam*, isto é, que desempenham determinada ação. No entanto, ele explica que Deus não causa diretamente a ação das criaturas; Deus é causa na medida em que as coisas agem *por virtude* Dele. Por isso, acreditamos ser necessário, assim como o fizemos com a palavra *providentia*, recorrer ao sentido do termo latino empregado pelo teólogo dominicano, que, na tradução que estudamos, aparece como *virtude*.

O substantivo *virtus* aparece no texto latino no modo acusativo, isto é, *virtutem*, pois acompanha a preposição *per*, formando um adjunto adverbial. No texto, Tomás de Aquino defende que todo ser que age – *Omne igitur operans* – age por meio da virtude de Deus – *operatur per virtutem Dei* –, como que atravessando um portal que lhes dá a potência necessária para continuar por si. Além disso, *virtus* significa, fundamentalmente, robustez, vigor, coragem, virtude, força, poder, influência, boa qualidade de algo e merecimento. Dentre esses significados, acreditamos que os que melhor se aplicam são os de *coragem*, *força* e *poder*, pois sugerem que o operante recebe de Deus a coragem, a força e o poder necessários para agir. E isso pode designar tanto a força gravitacional que leva um corpo pesado a cair quanto à criação da alma intelectual e à sua fusão com a matéria. De acordo com essas explicações, analisamos com mais precisão as afirmações de Tomás de Aquino no capítulo 67, bem como percebemos o paralelo entre o fato de Deus ser causa de toda ação por Sua virtude e o problema da onipotência<sup>11</sup>:

Disso também se manifesta que Deus é a causa para todos os operantes de que operem. Com efeito, todo operante é, de algum modo, causa de ser, ou segundo o ser substancial, ou acidental. Ora, nada é causa de ser, senão enquanto opera em virtude de Deus, como foi mostrado. Portanto, todo operante opera por virtude de Deus.

Ainda. Toda operação que segue uma virtude, é atribuída como à causa daquela coisa que deu aquela virtude; por exemplo, o movimento natural dos pesados e dos leves segue a forma deles, segundo a qual são graves e leves, e assim se diz que a causa do movimento deles é o gerador, que deu a forma. Ora, toda virtude de qualquer agente provém de Deus, como do primeiro princípio de toda perfeição. Logo, como toda operação segue uma virtude, é necessário que a causa de qualquer operação seja Deus (Tomás de Aquino, 2015, p. 183)<sup>12</sup>.

11 Esses cuidados com as palavras e os argumentos refletem, a nosso ver, a tentativa de Tomás de Aquino de trabalhar com os ‘dados da fé’ e os ‘dados da filosofia’ com o maior rigor possível – um conflito essencialmente escolástico. Como defender que Deus é a causa da ação de todo agente e, ao mesmo tempo, defender o livre-arbítrio das criaturas intelectuais, senão por meio de um trabalho minucioso para descobrir em que a fé e a razão podem concordar? Para nós, intelectuais do século XXI, essa pergunta pode não fazer sentido ou não estar em nossos horizontes de pesquisa, mas, para os ocidentais cristãos do século XIII, parecia ser uma questão ética e política importante.

12 (Tomás de Aquino, SCG, III, cap. 67).

Além de Deus se constituir como causa por meio de Sua virtude, ou seja, na medida em que dota as criaturas de seu próprio poder de ‘ser causa’ de algo, permite ao ser se fazer causa na medida em que é o fim último de tudo o que criou. Diante disso, todo agente só é agente em função de um determinado fim, o que significa que sua condição de agente não é assegurada apenas porque, pela virtude divina, pode ser causa de algo, mas também porque age em função do fim a que destina sua ação. Por exemplo: o cozinheiro é cozinheiro não somente porque prepara determinado alimento, mas também porque prepara um alimento que sacia a fome e a vontade daquele que consome o produto de sua ação.

Com isso, Tomás de Aquino passa a abordar o fato de Deus ser onipresente, ou seja, estar integralmente presente em todas as coisas, em todos os lugares. O autor afirma que: “Com efeito, é necessário que movente e movimento sejam simultâneos, como prova o Filósofo. Ora, Deus move todas as coisas para suas operações, como foi mostrado. Logo, está em todas as coisas” (Tomás de Aquino, 2015, p. 185)<sup>13</sup>. Portanto, Deus é onipresente porque é causa do movimento de tudo o que se move e/ou é movido, e Ele só é causa na medida em que conhece perfeitamente todas as coisas, tanto a origem quanto o destino (fim). Onipresença, onipotência e onisciência são, assim, três atributos do governo divino sobre as criaturas, chamados por Tomás de Aquino de providência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões de Tomás de Aquino, ponderamos, à guisa de considerações finais, aspectos que podemos apreender sobre a formação do educador e sua atuação no mundo contemporâneo.

Em primeiro lugar, acreditamos que o educador, como aquele que *cria*, por assim dizer, a pessoa educada, demandada pela sociedade, deve ser providente no sentido tomasiano, isto é, deve conduzir o processo educativo com inteligência, reconhecendo, sempre, quem é esse sujeito que está diante dele em sua inteireza como um ser que, assim como ele, tem uma história, pensa, deseja e anseia pelo presente e pelo futuro.

Em segundo lugar, o educador precisa estar ciente de que suas ações em relação ao sujeito sobre o qual age sustentarão – ou não – esse indivíduo em sua trajetória de vida. Tomás de Aquino defendeu a tese de que Deus, por sua Providência, sustenta a criatura no ser. Analogamente, o educador sustenta o sujeito no *ser educado*. A analogia não é perfeita, pois, na crença cristã, Deus é incapaz de errar e o ser humano é passível de equívocos cotidianos, mas ela serve para nos alertar sobre a responsabilidade de estar nessa posição: uma parte importante do futuro de nossos estudantes depende de nossas ações como educadores.

Em terceiro e último lugar, como extensão do argumento anterior, como educadores, somos, em parte, oniscientes, onipotentes e onipresentes na vida de quem educamos. A história de todo ser humano é uma síntese de suas experiências educativas e estas permanecem no plano de fundo da nossa existência. Para o bem ou para o mal, nossos atos como educadores deixam marcas no corpo e na mente daqueles que educamos e suas ações refletem sua liberdade de criar a própria vida a partir, justamente, dessas marcas deixadas pela educação, obra dos educadores que participaram de sua formação.

Por isso, argumentamos que a leitura e a apropriação de clássicos do pensamento ocidental, como o de Tomás de Aquino, são essenciais à formação geral, especialmente para aqueles que

---

13 (Tomás de Aquino, SCG, III, cap. 68).

pretendem assumir a posição de educadores. as lições que podemos aprender por meio da história da educação, principalmente em estudos que consideram a cidade e a religião como temas centrais, não são apenas indispensáveis à formação do educador. Acreditamos que esses ensinamentos são a nossa chance de evitar o agravamento da atual crise que ameaça a civilização, pois podemos formar pessoas que se sintam responsáveis pelo outro, pela natureza e pelo planeta. Afinal, aprendemos com Aristóteles e Tomás de Aquino que a existência da pessoa só pode ocorrer coletivamente, especialmente nas cidades que, para esses dois cânones do pensamento ocidental, são *comunidades perfeitas*.

## REFERÊNCIAS

- ARENDETT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- BLOCH, Marc Léopold Benjamin. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- FEBVRE, Lucien. *Combates pela história*. Lisboa: Editorial Presença, 1985.
- FEBVRE, Lucien. *A Europa: gênese de uma civilização*. Bauru: EDUSC, 2004.
- FORTES, Carolina Coelho. “*Societas Studii*”: a construção da identidade e os estudos na Ordem dos Pregadores. 2011. 370 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ, 2011.
- GILSON, Étienne. *A filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GRABMANN, Martin. *Introdução à Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino*. Petrópolis: Vozes, 1944.
- GUIZOT, François. *Historia de la civilización en Europa*. Madrid: Alianza Editorial, 1990.
- GUIZOT, François. Sétima lição. In: OLIVEIRA, Terezinha; MENDES, Claudinei Magno Magre. *Formação do terceiro estado: As comunas*. Coletânea de textos de François Guizot, Augustin Thierry, Prosper de Barante. Maringá: Eduem, 2005. p. 27-48.
- LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2005.
- LE GOFF, Jacques. Cidade. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *Uma longa Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- LE GOFF, Jacques. *Os Intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro do. *Um mestre no ofício: Tomás de Aquino* [livro eletrônico]. São Paulo: Paulus, 2011.
- OLIVEIRA, Terezinha. *Ensino e debate na universidade parisiense do século XIII: Tomás de Aquino e Boaventura de Bagnoregio: textos*. Maringá: Eduem, 2012.
- OLIVEIRA, Terezinha; MENDES, Claudinei Magno Magre; SANTIN, Rafael Henrique. Contribuições de Jacques Le Goff para a História da Educação Medieval: Totalidade e Longa Duração nos estudos sobre os intelectuais. *Brathair*, São Luís, v. 16, n. 2, p. 235-250, jul./dez., 2016. Disponível em: <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/viewFile/1263/991>. Acesso em: 19 mar. 2026.
- RUSSELL, Bertrand. *História da filosofia ocidental*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. (Livro 2: a filosofia católica).

SANTIN, Rafael Henrique. *A proposta tomasiana para a formação do educador no Ocidente medieval: o intelecto como princípio essencial da sabedoria magistral*. 195 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

THIERRY, Augustin. Carta XIII. Sobre a libertação das comunas. In: OLIVEIRA, Terezinha; MENDES, Claudinei Magno Magre. *Formação do Terceiro Estado as comunas*: coletânea de textos de François Guizot, Augustin Thierry, Prosper de Barante. Maringá: Eduem, 2005.

TOMÁS DE AQUINO. Do reino ou do governo dos príncipes ao rei de Chipre. In: TOMÁS DE AQUINO. *Escritos políticos de Santo Tomás de Aquino*. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 127-175.

TOMÁS DE AQUINO. *Do governo dos judeus à Duquesa de Brabante* [Epístola à Duquesa de Brabante]. São Paulo: EDIPRO, 2014.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Contra os Gentios*. São Paulo: Loyola, 2015. 4 vol.

TORRELL, Jean-Pierre. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino: sua pessoa e sua obra*. São Paulo: Loyola, 2004.

VERGER, Jacques. Universidade. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2006.

VIGOTSKII, Lev Semionovich. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKII, Lev Semionovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 2014. p. 103-117.

*Submetido em março de 2026*  
*Aprovado em maio de 2026*

### Informações das autoras

Rafael Henrique Santin

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – Campus Campo Largo

*E-mail*: [rafael.santin@ifpr.edu.br](mailto:rafael.santin@ifpr.edu.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8520-4592>

*Link* Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6832826542406017>

Terezinha Oliveira

Universidade Estadual de Maringá

*E-mail*: [toliveira@uem.br](mailto:toliveira@uem.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5349-1059>

*Link* Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7525108577501517>